

A EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA: UMA LEITURA NA REVISTA DO ENSINO DA PARAÍBA (1932-1934)

CHILDREN'S EDUCATION: A READING OF THE *REVISTA DO ENSINO* IN PARAÍBA (1932-1934)

Meryglauca Silva Azevedo¹
Universidade Federal da Paraíba

RESUMO

Nas três últimas décadas, nas pesquisas sobre História da Educação, o impresso pedagógico tem possibilitado a compreensão de aspectos importantes do campo educacional, porque auxilia o pesquisador a compreender a concepção de educação, sociedade e Estado de determinado período da história e do espaço geográfico. Este artigo pretende colaborar com a historiografia da educação da Paraíba e sua interconexão e diálogo com a produção brasileira relacionada ao tema de pesquisa, com o objetivo de apresentar as primeiras leituras e aproximações acerca dos sentidos atribuídos aos enunciados sobre a infância. A fonte da investigação é a *Revista do Ensino*, um periódico que circulou no estado da Paraíba durante dez anos (1932-1942) e que foi lido como um artefato cultural representativo de um tempo histórico particular, por isso o recorte temporal entre os anos de 1932 e 1934. Para atender ao objetivo de compreender e apresentar as primeiras aproximações dos significados atribuídos às características dos enunciados sobre a infância, foram considerados os artigos de opinião e os discursos proferidos por políticos e intelectuais, entre os quais, destacam-se o médico, o moral e o psicológico, cujas análises são descritas no terceiro tópico. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

Palavras-chave: Infância. Periódico educacional. Revista do ensino.

1 INTRODUÇÃO

Em um mesmo momento histórico, pode haver diferentes maneiras de se pensar sobre a infância, considerando, aqui, que as relações estabelecidas entre os grupos interferem na forma de compreendê-la e de perceber o lugar social ocupado pela criança. Diante disso, “[...] podemos compreender a infância como concepção ou representação que os adultos fazem sobre o período inicial da vida, ou como o próprio período vivido pela criança, o sujeito real que vive essa fase da vida [...]” (FREITA e JR., 2002, p.7).

Nesse sentido, para que o pesquisador possa compreender os diferentes sentidos veiculados sobre as infâncias e o lugar social que a criança ostentou nas esferas pública

¹ Mestranda em Educação – Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba. E-mail: meryglaucaazevedo@gmail.com

e privada, em cada período da história da educação no Brasil, seu olhar deve estar vinculado às relações sociais, pois as concepções de educação e de infância são uma produção cultural, social e histórica, que não estiveram, desde sempre, colocadas, mas foram sendo moldadas, arregimentadas por diferentes discursos, em que o saber, o poder e a verdade estão relacionados e dependentes (FOUCAULT, 1975, 1988). Por isso, o que é determinado sobre a infância deve estar interligado com o seu lugar de produção, endereçamento e distribuição, para compreendermos a concepção de infância, já que os significados atribuídos à criança marcam a forma de pensar ou, até mesmo, de produzir a infância em cada época e/ou lugar.

Assim, considerando esses aspectos, o objetivo deste estudo foi de analisar os enunciados presentes nas matérias da *Revista do Ensino* da Paraíba sobre a educação da infância. Para isso, pretende-se compreender e apresentar as primeiras aproximações dos significados atribuídos à infância e sua educação.

O referido periódico circulou no estado da Paraíba durante dez anos (1932-1942), totalizando 18 números, divididos em 15 exemplares. A *Revista do Ensino* foi um espaço, por excelência, criado para veicular os debates educacionais no estado da Paraíba sobre os novos modelos de ensino, as concepções de infância, espaço e tempo escolares, formação docente etc. Nesta pesquisa, A *Revista* foi lida como um artefato cultural representativo de um tempo histórico particular, por isso, o recorte temporal escolhido foram os anos de 1932 a 1934.

A partir deste delineamento inicial, destaco os momentos nos quais este estudo foi configurado, estando organizado com uma introdução, na qual abordou-se o referencial teórico, a fonte e o objetivo do estudo. No tópico intitulado “Breve discussão sobre a imprensa no campo da História da Educação”, apresenta-se uma breve discussão sobre o uso da imprensa na área da História da Educação; já no tópico intitulado “*Revista do Ensino* da Paraíba: características gerais (1932-1942)”, tem-se uma descrição resumida das características gerais dos 18 números da *Revista do Ensino*, considerando-se os aspectos da materialidade do periódico, como formato, total de páginas, periodicidade, temas abordados, entre outros.

Para compreender e apresentar as primeiras aproximações dos significados atribuídos às características dos enunciados sobre a infância, foram considerados os artigos de opinião e os discursos proferidos por políticos e intelectuais, entre eles, o médico, o moral e o psicológico, cujas análises são apresentadas no tópico intitulado “A infância na *Revista do Ensino* (1932-1934)”. Por fim, vêm as considerações finais, na

qual finalizo com algumas reflexões, a partir das quais retomo as análises mais relevantes realizadas nos tópicos anteriores.

2 BREVE DISCUSSÃO SOBRE A IMPRENSA NO CAMPO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

Com a abrangência de novas possibilidades de pesquisa trazidas pelos estudos da História Nova, a imprensa pedagógica ganhou seu espaço no campo do conhecimento da História da Educação e recebeu novos significados e compreensões. Assim, o impresso passou a ser fonte e/ou objeto importante em muitos estudos, principalmente pelo fato de esse dispositivo pedagógico possibilitar a compreensão de aspectos que constituem o cotidiano do campo educacional escolar de determinado espaço geográfico e período da história, ou seja, o retrato de um período histórico.

[...] Na verdade, é difícil encontrar outro corpus documental que traduza com tanta riqueza os debates, os anseios, as decepções e as utopias que têm marcado o projeto educativo nos últimos dois séculos. Todos os Atores estão presentes nos jornais e nas revistas: os alunos, os professores, os pais, os políticos, as comunidades...As suas páginas revelam, quase sempre ‘a quente’, as questões essenciais que atravessaram o campo educativo numa determinada época [...] (NÓVOA, 1997, p. 30 - 31).

Nesse sentido, as investigações que envolvem a imprensa pedagógica têm contribuído, significativamente, para ampliar os estudos na área do conhecimento supracitada e passaram a ser um dos instrumentos de suma importância para se compreenderem os aspectos que compõem o campo educacional, “[...] por se constituir em espaço privilegiado de divulgação de teorias e de práticas educativas, além de fornecer pistas sobre a circulação de ideias e modelos educativos [...]” (FERNANDES, 2008, p. 15).

Pesquisadores como Furtado e Pinto (2011), Faria (2009), Biccas (2008), Souza (2001), Brites (2000) e Catani (1996) vêm se interessando, cada vez mais, em estudar periódicos pedagógicos. Conforme Biccas (2008, p. 23), “[...] nas três últimas décadas, a investigação sobre os impressos pedagógicos tem-se apresentado como um novo campo de pesquisa em vários países do mundo e, mais recentemente, no Brasil [...]”. No que concerne às pesquisas mais significativas, no contexto mundial, destacam-se os trabalhos de “[...] Pierre Caspard (1981), da França e Antônio Nóvoa (1993), em Portugal [...]”, que “[...] têm realizado um trabalho bastante significativo buscando

estabelecer uma história serial e de repertórios analíticos na perspectiva de fornecer informações sobre o ciclo de vida, conteúdos dos impressos [...]” (BICCAS, 2008, p. 23).

Compreendendo a educação como uma prática social que se estrutura por meio do conhecimento produzido culturalmente, a imprensa é uma produtora da cultura, um meio relevante na constituição dos caminhos percorridos pela história da educação. Vale enfatizar que o pesquisador, ao trabalhar com a imprensa, precisa ter clareza do seu papel tendencioso ou interessado, tendo em vista que, mesmo sendo uma ‘fotografia’ de uma época, ela não é um retrato fiel da realidade, mas produtora dela. Por essa razão, a *Revista do Ensino* do estado da Paraíba, fonte deste estudo, pode se configurar como uma produção importante da cultura oficial, uma vez que sua leitura proporciona entendimento acerca da concepção de Estado, de sociedade e de escola e, mais especificamente para este artigo, possibilita perceber os debates que deram significados às características dos enunciados sobre a infância durante a circulação do periódico.

3 REVISTA DO ENSINO DA PARAÍBA: CARACTERÍSTICAS GERAIS (1932-1942)

Criada por meio do Decreto nº 287 de 18 de maio de 1932, e promulgada pelo Interventor Federal Interino do estado da Paraíba, Gratuliano da Costa Brito, a *Revista do Ensino* foi produzida pela imprensa oficial e editada pela Diretoria do Ensino Primário, tendo como idealizador e primeiro editor o Professor José Baptista de Mello².

Conforme o Decreto supracitado, a assinatura do periódico seria obrigatória para todo o professorado do ensino público do Estado paraibano, como pode ser constatado no artigo 3º: “[...] Será obrigatorio para todos os fuccionarios do magisterio primario e normal a assignatura da Revista do Ensino no mediante a contribuição de seis mil réis (6\$000) annual, paga em prestação semetraes de três mil réis (3\$000) [...]” (REVISTA DO ENSINO, 1932, p. 61-62). Ainda segundo o Decreto nº 287, a prestação semestral do professorado seria descontada em folha pela repartição pagadora.

² José Baptista de Mello nasceu em Teixeira, em 22 de dezembro de 1895. Realizou atividades no campo educacional paraibano; teve experiência no Magistério; ocupou os cargos de adjunto provisório no Grupo Escolar Modelo; foi professor temporário da Escola Venâncio Neiva; lecionou no Grupo Escolar de Teixeira, no Colégio Arquidiocesano e no Grupo Escolar Tomás de Mindello (na capital do Estado) (MENDONÇA, 2012). Vale salientar que ele “tem sido recorrentemente considerado na historiografia educacional paraibana como legítimo representante do escolanovismo na Paraíba dos anos de 1920-1930” (KULESZA, 2011, p. 387).

A *Revista do Ensino* se propunha a ser um instrumento mediador de divulgação e difusão das escolas primárias e serviria à formação do professorado e aos demais interessados em assuntos educacionais. Assim, o periódico é apresentado como “[...] uma revista, por meio da qual pudessem os nossos professores acompanhar a marcha evolutiva do ensino, pela divulgação dos novos métodos e processos pedagógicos [...]” (REVISTA DO ENSINO, 1932, p. 3).

A condição de dispositivo de formação possibilitada pela *Revista do Ensino* oferece interpretações e hipóteses que vêm ao encontro de outros estudos: percebe-se que a *Revista* tem um duplo caráter, como já anunciava Biccás (2008), ao tratar, em suas pesquisas, de periódico mineiro, de mesmo nome, a *Revista do Ensino* (Minas Gerais), cujas características eram idênticas ao periódico paraibano, fonte de investigação deste estudo. Biccás (2008, p. 45) afirma que, “[...] na prática, deveria ter um duplo caráter, ser um veículo de propaganda governamental na área da instrução pública e, ao mesmo tempo, ser um instrumento na formação dos professores [...]”.

Nesse sentido, a *Revista do Ensino* tem natureza técnico-pedagógica e de cunho informativo. Segundo Araújo (1984, p.33), é um “[...] veículo de comunicação de finalidade eminentemente cultural e educativa (...), que [deixou] um saldo positivo de trabalhos de valor para o progresso da educação”.

Mesmo que essa revista não seja dividida em seções, na leitura do sumário dos exemplares, podem-se identificar algumas temáticas mais recorrentes no periódico paraibano, a saber: Métodos e processos de ensino; Diretrizes para a educação infantil; Jardins de infância; Museus escolares; Higienização; Psicologia experimental; Inspeção sanitária escolar; Estrutura física das escolas; Atos oficiais referentes ao Ensino Primário e ao Normal do Estado e Seminários e conferências sobre a educação. A partir dessas temáticas, comungo com a reflexão realizada por Fernandes (2008, 22), quando se refere às revistas pedagógicas como *instituições*, uma vez que, nelas, “[...] emergiram os processos de estruturação do próprio campo pedagógico [...]”.

Quanto à periodicidade, a *Revista* era publicada em tiragem trimestral. Isso propicia uma circulação intensa quanto à divulgação de informações dos aspectos educacionais da Paraíba. No entanto, segundo Araújo (1984, p. 32, destaque do original), “[...] embora a *Revista* trouxesse o distintivo ‘Publicação Trimestral’, vê-se que não obedecia a essa periodicidade [...]”. E além de não seguir uma publicação trimestral, em seus primeiros exemplares, eram publicados mais de um número, a saber: 4 e 5 (Ano II, março, 1933); 6 e 7 (Ano II, setembro, 1933) e 8 e 9 (Ano III, março,

1934). Tais aspectos foram constatados nos números consultados, como pode ser observado no quadro I.

Quadro I: As edições da Revista do Ensino (por ano)

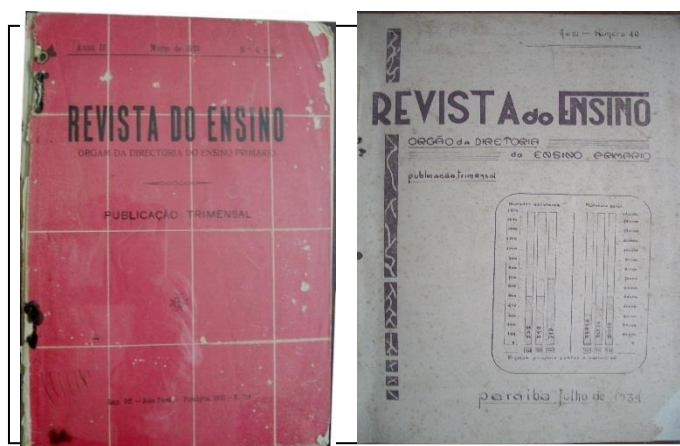
ANOS	MESES	NÚMEROS
1932 - Ano I	Abril; julho; setembro	1; 2 ; 3
1933 – Ano II	Março; setembro	4 e 5; 6 e 7
1934 – Ano III	Março; julho; dezembro	8 e 9; 10; 11
1936 – Ano IV	Maior; setembro; dezembro	12; 13; 14
1937 – Ano V	Dezembro	14 (15)
1938 – Ano VI	Agosto	16
1942 – Ano X	Abril; maio, junho e julho	17; 18

Fonte: Dados da pesquisa, 2015.

A irregularidade na publicação das edições parece que não é uma característica unicamente da *Revista do Ensino* da Paraíba, a pesquisadora Biccás (2008), ao estudar a Revista do Ensino de Minas Gerais, também constatou os espaços entre uma edição e outra.

Durante a circulação da *Revista do Ensino*, os seus exemplares não sofreram alterações significativas, no quesito técnico da publicação, ou seja, mantiveram o tamanho de, aproximadamente, 19 cm X 12 cm de altura. Quanto ao número de páginas, continha, em média, de 54 a 80 páginas, alguns números ultrapassam, a exemplo do número 14, ano IV, de dezembro de 1936, o qual contém 166 páginas.

No que diz respeito à capa, manteve-se o padrão da primeira edição, que corresponde ao Ano I, abril de 1932, até o número 8-9, do Ano III, março de 1934, e houve algumas modificações na “[...] edição Ano III, de julho de 1934, [já que] a revista começava a apresentar uma linha vertical no lado esquerdo, bem como a inovação da presença de um gráfico demonstrativo, com dados referentes a *unidades escolares* e a *matrículas* [...]” (AZEVEDO et al., 2012, p. 7). As modificações na capa do periódico podem ser observadas na figura I, em que são apresentadas as capas da *Revista* nº. 1, de abril de 1932 e a de nº10, de julho de 1934.

FIGURA I: Capas da Revista do Ensino, Anno I, nº 1 e Anno III, nº 10

Fonte: Revista do Ensino

A alteração na capa da *Revista do Ensino* número 10 continuou nas edições posteriores. Pode-se inferir que isso foi uma estratégia estética visual para atrair o leitor e conduzi-lo a interiorizar a mensagem que o periódico estava querendo passar. Na figura II, podemos observar a capa da *Revista* número 12, de maio de 1936, com a imagem do *Instituto de Educação*, que também pode sugerir uma estratégia oficial e estatal de dar visibilidade a um monumento arquitetônico ícone da educação local, uma forma de fazer propaganda do governo.

FIGURA 2 - Capas da Revista do Ensino, Ano IV, nº 12

Fonte: Revista do Ensino

Como já mencionado, a *Revista do Ensino* circulou na Paraíba durante 10 anos, no período de 1932 a 1942, com 18 números. No período de 1932, houve uma intensa movimentação de produção editorial na cidade de João Pessoa. Além da *Revista do Ensino*, foram criadas outras três: *Menina* (1932-1936), *De Tudo* (1932-?) e a *Revista*

Médica da Paraíba (1932-1940). As naturezas dessas três revistas seriam, respectivamente, magazine, literária e científico-filosófica ou técnica (Medicina). Pode-se perceber que há uma intensidade quanto ao período de circulação dos supracitados periódicos, desde um período indefinido ou de até cinco anos até uma circulação igual ou superior a 10 anos.

4 A INFÂNCIA NA REVISTA DO ENSINO (1932-1934)

Os significados sobre a infância e sobre como deveria ser a educação da criança apresentam-se, na *Revista do Ensino*, de diferentes formas. Foram veiculados através de artigos escritos, a maioria, de educadores e apresentados também através de fotografias, como registros dos momentos e dos espaços escolares.

Os artigos estão ligados a temas como cuidar, educar e proteger a criança, considerada como um ser frágil e sujeito do futuro. Sabendo que o tempo pesquisado foi a terceira década do Século XX, ou seja, contemporâneo ao eferescente discurso republicano, pautado na construção de um novo tempo, quando se defendia a regeneração das populações brasileiras, muito do que era publicado no periódico estava articulado ao propósito de atender às necessidades da sociedade nascente do novo projeto político republicano, em pleno processo de organização e definição quanto ao modelo da que se queria construir, em meio ao ideário de elevar o Brasil a uma nação civilizada. E como a *Revista do Ensino* estava inserida nesse momento histórico nacional, muitos desses aspectos são constantes nas temáticas produzidos nesse periódico.

Nesse sentido, são recorrentes os discursos médico, psicológico e moral, que quais vão sendo disseminados no estado paraibano, durante a veiculação do periódico, contribuindo para uma forma de pensar a infância. Em específico, a temática da psicologia experimental é presente na *Revista*, tanto em artigos exclusivos quanto incorporada em outros. Cabe lembrar que, no movimento da Escola Nova, essa ciência teve expressiva importância, pois tornou possível sentir-se a infância e compreender as características específicas da criança. Assim, a Psicologia possibilitou que se tivesse mais controle sob a criança, moldando-a conforme os anseios da sociedade.

[...] As tendências modernas da obra educativa procurando cada vez mais no estudo da psychologia experimental trazer novos subsidios para melhor aparelhamento do ensino primario e classificação dos escolares, dão ao educador que deseja acompanhar a evolução do

desenvolvimento mental dos alumnos e se compenetra da verdadeira missão que a sociedade e a família lhe confiaram, margem, para que todo o seu esforço, em prol desse desideratum obtenha o coeficiente de resultado o maior possível [...] (REVISTA DO ENSINO, 1932, p. 49).

Com os estudos da Psicologia experimental, surgiram as salas homogêneas, para “[...] assegurar a centralidade da criança no processo educativo e garantir o respeito à sua individualidade [...]” (VIDAL, 2007 p. 498). As crianças eram “agrupadas” considerando-se as suas aptidões, com o objetivo de se aproveitar bem mais sua capacidade. Por causa disso, as salas homogêneas, mais do que propiciar um amplo desenvolvimento das competências das crianças, criavam um processo de exclusão.

O discurso médico, que é o especializado, o científico, caracterizado como verdadeiro, é recorrente no periódico paraibano. Em seu número inaugural, constam os seguintes artigos: *‘Insp. Sanitária Escolar’*, escrito pelo Dr. Severino Patricio; *‘Hygiene Escolar’*, de autoria do Prof. Joaquim Santiago, e *Asseio*, da Professora Beatriz Ribeiro.

O primeiro artigo inicia-se com uma exaltação ao Interventor Federal, o Sr. Anthenor Navarro, considerado como um “[...] moço inteligente e muito bem orientado nas cousas do nosso meio [...]” (REVISTA DO ENSINO, 1932, p. 21). Nesse trecho, é evidente o caráter da propaganda oficial estatal no periódico, que caracteriza o Interventor Federal como um exemplo bom a ser seguido pelos futuros governantes. No mesmo artigo, é descrito o que foi encontrado em uma visita a uma escola, o que ressalta a relevância da Inspeção Sanitária Escolar, como pode ser lido neste trecho:

[...] Ha bem poucos annos, a visita a uma escola constituia verdadeiro constrangimento para quem a isto se dispunha; aqui, um alumno cheio de feridas, anemiado e desnutrido pela falta da quota alimentar sufficiente pra o seu desenvolvimento physico; ali, um outro escolar, cheio de vermes a correr os seus intestinos [...]; acolá um outro com sarna, aphtalmia, hypertrophia de amygdalas ou vegetações adenoides, adormecido e indolente, indifferente a tudo, demonstrando atrazo pedagogico e fadiga constante devido aos hospedes impertinentes, que a pouco e pouco iam acabando as miseraveis energias dos seus órgãos depauperados [...]. (REVISTA DO ENSINO, 1932, p. 22).

Será uma inspeção para criança pobre ou um dispositivo de governo da população e da infância de modo geral, tendo em vista as preocupações demonstradas pelos higienistas no controle de doenças, endemias e epidemias? Esse é um discurso que se refere a uma infância doente, a ser cuidada, mas sem identificar a criança em questão. Prosseguindo, nota-se indícios de resposta para a pergunta: “[...] a Inspectoria Sanitaria Escolar, inaugurada em 15 de setembro do anno próximo passado, vem fuccionado

normalmente desde aquella data, prestando todo o auxilio possivel aos escolares **despresados pela fortuna [...]** (REVISTA DO ENSINO, p. 22, *grifo nosso*).

No artigo, *'Hygiene Escolar'*, fica evidente a constituição de uma sociedade onde os sujeitos devam ser fortes e saudáveis, como está expresso no periódico: “[...] Formar uma raça forte, capaz e digna da nossa estremecida Patria, deve ser o grande e vehemente anseio daquelles que têm a responsabilidade dos destinos da nacionalidade [...]” (REVISTA DO ENSINO, 1932, p. 39). Nessa perspectiva, o professor tem “[...] o sagrado dever de nos bater com todas as forças pela disseminação do ensino, zelo e carinho pela creança que será o sustentaculo do Brasil damanhã [...]” (REVISTA DO ENSINO, 1932, p. 39). Temos uma ciência utilizada para solucionar os problemas da nação brasileira, formando sujeitos fortes, uma vez que “[...] meninos doentes, viciados e já cheios de mazellas moraes, não podem constituir as esperanças risonhas dum país onde tudo é grande e assombroso, excepção, infelizmente, do homem [...]” (1932, p. 39). Assim, vai sendo moldada a educação da infância paraibana. Além de o trecho justificar a importância de ministrar noções de higiene no âmbito escolar, informa como isso será feito no estado da Paraíba:

[...] Nas escolas primarias do nosso Estado vamos propagando pelo livrinho didactico e bem feito do notavel hygienista patricio dr. Renato Kehl, noções e conhecimentos aos nosso alumnos das molestias e dos meios capazes e efficazes de combate-las e evitar a sua propagação [...]. (REVISTA DO ENSINO, 1932, p. 40)

No periódico, outros artigos versam sobre a importância do vínculo entre a educação e a saúde para constituição da almejada sociedade republicana, que deve ser pura, isto é, sem qualquer tipo de mazela, e a escola, um espaço privilegiado de normatização e de controle das crianças, que são consideradas como homens e mulheres do futuro, construtores da sociedade almejada.

No último artigo, intitulado *'Asseio'*, são discutidos hábitos de limpeza, como lavar as mãos antes das refeições, não levar a mão suja aos olhos, ter cuidados com a boca e os dentes, entre outros, ou seja, apresenta a dicotomia limpo/sujo, mostrando a importância da higiene, já que o sujeito limpo, supostamente, teria mais atenção das pessoas:

[...] se vierem aqui à Escola, em visita, dois meninos, um, embora vestido modestamente, demonstra pelo seu asseio, pelo seu traje bem limpo que tem noção dos deveres de hygiene, o outro, mostra o contrario pelo seu desalinho, suas mãos e unhas sujas, etc.

Vocês, mesmo sem querer, prestarão maior atenção e ligarão maior importância ao que a primeira criança disser: é porque ao falarmos com uma pessoa asseada fisicamente ela nos dá a impressão de que também o é moralmente, isto é, tem o caráter como o físico: puro e limpo [...]. (REVISTA DO ENSINO, 1932, p. 53-54)

Mais uma vez, a escola aparece como palco para a educação higienista, e a *Revista do Ensino* se constitui como uma agência normalizadora das condutas dos leitores, cuja maioria era composta de professores, porquanto o periódico era de assinatura obrigatória ao professorado. Ou seja, temos a formação de um educador que irá atuar no espaço escolar e formar as crianças.

A higiene é, então, um dispositivo educacional escolar indispensável ao convívio social, que dirige os corpos, governa-os, define seus movimentos e espaços de liberdade e coíbe posturas indesejáveis, tendo em vista as novas demandas do crescente processo de urbanização. Isso fica explícito no final do artigo, quando o autor mostra como o Brasil é visto por outros países: “[...] um povo inclinado á indolencia, á preguiça, ao desanimo, etc. [...]” (REVISTA DO ENSINO, 1932, p. 54). Para sanar esse problema, ele propõe:

[...] Diz um adagio popular: tirado a causa, cessa o effeito; e eu digo: logo que comece nas escolas uma campanha hygienica em prol da reerguição do povo brasileiro e com o auxilio dos jovens brasileirinhos, veremos surgir um povo forte, poderoso, querido e respeitado entre as nações e que poderá exclamar orgulhosamente: no meu Brasil não ha preguiça, porque não há doença - não ha doença porque se respeita e pratica a hygiene [...]. (REVISTA DO ENSINO, 1932, p. 55)

É evidente que a temática médica e a moral assim como a da Psicologia, ocuparam o espaço escolar e promoveram práticas educativas para civilizar e moralizar as crianças, mais do que isso, para normatizar e governar. Ao mesmo tempo em que há publicações que elevam o ser infantil, a importância de cuidar da criança e de considerar as suas necessidades, vez por outra, encontram-se temáticas que tratam de uma educação pautada na formação do homem futuro, respaldada na moral e em valores cívicos:

[...] Devemos atentar para o fato que nem sempre o mais instruido será a melhor moral. A criminalidade cresce ás vezes na mesma razão do crescimento da mentalidade dos povos. Dessa deproporção resulta a necessidade imprescindível para o educador, de cuidar com maior esmero, com maior empenho da formação moral da criança; isso com um dever imperioso da escola para com a sociedade [...]. (REVISTA DO ENSINO, 1933, p. 34).

Outro dispositivo de controle dos corpos, de governo da infância, é o escoteirismo, uma forma de disciplinar os valores morais seculares, “[...] uma instituição que concorre grandemente para o aperfeiçoamento moral da criança e para seu desenvolvimento físico, integrando-lhe numa vida mais possível e compatível com a natureza [...]” (REVISTA DO ENSINO, 1933, p. 34-35).

O que se conclui é que a *Revista do Ensino*, no recorte temporal aqui estabelecido, não se apresenta como uma unidade discursiva singular e homogênea sobre a infância e sua educação. O que é produzido atende aos anseios de uma sociedade que quer construir uma identidade nacional, mas cujas elites têm projetos diferenciados de sociedade. Esse aspecto aparece na pluralidade enunciativa, nas várias possibilidades de educar e de governar, que são oferecidas aos professores em formação e aos sujeitos de modo geral, mesmo que, em algum momento e em alguns contextos, os significados sobre a infância tenham sido ferramentas muito importantes e servido de guia e de suportes para o desenvolvimento de práticas educativas escolares e não escolares³.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É constante, no periódico pedagógico paraibano, a importância de se ter uma infância/criança saudável (muitos textos versam sobre a temática higienista); escolarizada (o periódico tem artigos que abordam a escola nova, jardins de infância e inclui os clássicos que desenvolveram estudos sobre a criança); com uma *psique* própria (nos textos que abordam a psicologia); constituída de direitos, protegida, moralizada (são constantes os artigos que abordam a formação moral da criança para viver em sociedade), entre outros aspectos. Desse modo, os discursos presentes na *Revista do Ensino* fabricaram e forjaram formas plurais de educação da infância, como também, de concepção de infância.

Suas narrativas não são neutras, sobretudo quando se tem um jogo de interesses vinculados a determinado grupo. Isso quer dizer que o texto, as fotografias, a diagramação, entre outros aspectos que compuseram a *Revista do Ensino*, produziram, reproduziram e forjaram uma realidade. Chartier fala sobre a falta de neutralidade nos discursos pronunciados e refere que a realidade social é construída. Logo, as temáticas

³ Aspecto que será discutido e ampliado em um próximo trabalho.

presentes no periódico paraibano são constituídas de intencionalidades, não são um retrato fiel da realidade.

Nessa perspectiva, a leitura da *Revista do Ensino*, como já mencionado, ajuda-nos a entender a concepção de Estado, de sociedade e de escola durante um tempo em que a ideia de nação estava sendo gestada, e cujos discursos tiveram visibilidade em dispositivos de formação de professores, como é o caso dos conteúdos disseminados no período de circulação dessa revista.

ABSTRACT

In the last three decades, in research in the History of Education, the pedagogic press has enabled the comprehension of important aspects of the educational field, as it helps researcher to understand the conception of education, society and the state in a particular period of history and geographical space. This article seeks to collaborate with the educational historiography of Paraíba and its interconnection and dialogue with the Brazilian production related to the topic of research, with the goal of presenting the first readings and approximations about the meanings attributed to statements about childhood. The research source is the *Revista do Ensino*, a review that circulated in the state of Paraíba for ten years, between 1932 and 1942. The periodical was read as a representative cultural artefact of a particular historical time, hence the time frame between the years 1932 and 1934. In order to meet the goal of understanding and presenting the first approaches to the meanings attributed to the characteristics of statements about childhood, articles of opinion were considered, as well as speeches by politicians and intellectuals, among which are: the medical, moral and psychological discourses, whose analyses are described in the third topic. Lastly, we present some concluding remarks.

Keywords: Childhood. Educational review. *Revista do Ensino*.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Fátima. A Revista do Ensino e sua importância para a educação na Paraíba. **Educação e Cultura**, ano IV, n. 13, p. 30-33, abr/maio/jun 1984.
- ATHAYDE, Selma Cunha Ribeiro. A infância e suas concepções na sociedade e na Educação Infantil. In: FARIA, Evangelina Maria Brito de. (Org.). **A criança e as múltiplas linguagens**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2009. p. 19-33.
- AZEVEDO, Meryglauca Silva; RODRIGUES, Melânia Mendonça; SOUSA, Pâmella Tamires Avelino de. Impressos na história da educação: Revista do Ensino na Paraíba (1932-1942). In: ENCONTRO MARANHENSE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 5., 2012, São Luís. **Anais...** São Luís: [s.n.], 2012. p. 1-9.
- BICCAS, Maurilane de Souza. **O impresso como estratégia de formação**: Revista do Ensino de Minas Gerais (1925-1940). Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008.
- BRITES, Olga. Infância, higiene e saúde na propaganda (usos e abusos nos anos 30 a 50). **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 20, n. 39, p. 249-278, 2000.

Dossiê: imprensa, história e educação

CATANI, Denice Barbara. A imprensa periódica educacional: as revistas de ensino e o estudo do campo educacional. **Educação e Filosofia**, v. 10, n. 20, p. 115-130, jul/dez. 1996.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa: DIFEL. 2002.

CHARTIER, Roger. (Org.). **Práticas de leitura**. São Paulo: Liberdade, 1996.

ESTADO DA PARAHYBA. Decreto n. 287, de 18 de maio de 1932. **Revista do Ensino**, v. 1, n. 2, jul. 1932.

FARIA, Miguel Fabiano de. **A educação física na Revista do Ensino: produção de uma disciplina escolar em Minas Gerais (1925-1940)**. 2009, 145f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

FREITAS, Marcos Cezar de; JÚNIOR, Moysés Kuhlmann. (Orgs.). **Os intelectuais na história da infância**. São Paulo: Cortez, 2002.

FERNANDES, Ana Lúcia Cunha. O impresso e a circulação de saberes pedagógicos: apontamentos sobre a imprensa pedagógica na história da educação. In: MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello; XAVIER, Libânia Nacif. (Orgs.). **Impressos e história da educação: usos e destinos**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2008. p. 15-29.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão** tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis, Vozes, 1975.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

KULESZA, Wojciech Andrzej. José Baptista de Mello e a Reforma da Educação na Paraíba. In: ARAUJO, José Carlos Souza; MIGUEL, Maria Elisabeth Blanck; VIDAL, Diana Gonçalves. (Org.). **Reformas educacionais: as manifestações da Escola Nova no Brasil (1920 e 1946)**. Campina, SP: Autores Associados: Uberlândia, MG: EDUFU, 2011. p. 385-403.

REVISTA DO ENSINO, ano 1, n° 1, abril de 1932.

REVISTA DO ENSINO, ano , n° 2, julho de 1932

REVISTA DO ENSINO, ano 1, n° 3, setembro de 1932.

REVISTA DO ENSINO, ano 2, n° 6/7, setembro de 1933.

SOUZA, Rita de Cássia de. **Sujeitos da educação e práticas: uma leitura das reformas educacionais mineiras a partir da Revista do Ensino (1925-1930)**. 2001, 368f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

SCHELBAUER, Anaete Regina. Entre anúncios e artigos: registros do método de ensino intuitivo do jornal A Província de São Paulo (1875-1889). In: ARAÚJO, José Carlos Souza; SCHELBAUER, Anaete Regina. (Org.). **História da educação pela imprensa**. Campinas, SP: Alínea, 2007. p. 7 – 30.

VIDAL, Diana Gonçalves. Escola nova e processo educativo. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de; LOPES, Eliane Marta Teixeira; VEIGA, Cynthia Greive. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 497-517.